



**FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI**

**MARIA ADAMOLI**

**ATRAVESSAMENTOS FAMILIARES E SOCIOCULTURAIS NA  
FORMAÇÃO DA VISÃO DE SI DA AUTORA PESQUISADORA: UM  
ESTUDO DE NATUREZA (AUTO)BIOGRÁFICA**

**RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA  
2019**

**MARIA ADAMOLI**

**ATRAVESSAMENTOS FAMILIARES E SOCIOCULTURAIS NA  
FORMAÇÃO DA VISÃO DE SI DA AUTORA PESQUISADORA: UM  
ESTUDO DE NATUREZA (AUTO)BIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antônio Meneghetti-AMF.

Orientadoras: Prof. Dr. Noemi Boer,  
Ms. Maria Tereza Andreola

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Noemi Boer  
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso  
Membro da Banca Examinadora

---

Prof. Ms. Maria Tereza Andreola  
Membro da Banca Examinadora  
Faculdade Antônio Meneghetti

---

Prof. Ms Juliane Fioreze  
Membro da Banca Examinadora  
Faculdade Antônio Meneghetti

Recanto Maestro, 13 de outubro de 2019.

# ATRAVESSAMENTOS FAMILIARES E SOCIOCULTURAIS NA FORMAÇÃO DA VISÃO DE SI DA AUTORA PESQUISADORA: UM ESTUDO DE NATUREZA (AUTO)BIOGRÁFICA<sup>1</sup>

*Maria Adamol<sup>2</sup>*

*Noemi Boer<sup>3</sup>*

*Maria Tereza Andreola<sup>4</sup>*

## RESUMO

Neste artigo, objetiva-se analisar a trajetória de vida e as influências familiares e socioculturais na formação da visão de si da autora-pesquisadora à luz dos conhecimentos da Ontopsicologia<sup>5</sup>. A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza autobiográfica. Como dados de pesquisa são analisadas doze unidades narrativas, referentes à sua trajetória de vida, extraídas de um memorial elaborado pela autora-pesquisadora. Considerando-se que a formação e desenvolvimento da visão de si é influenciada pelas vivências familiares, afetivas e socioculturais, estas também, , estão impregnadas de intencionalidades manifestas nos relatos selecionados. Portanto, a formação da visão de si da autora pesquisadora está relacionada à ressignificação feita como pessoa em sua formação ao longo da vida. A análise da trajetória de vida da autorapesquisadora, até os dias atuais torna claro que o contato com a ciência ontopsicológica possibilitou a ressignificação das vivências, das memórias, dos estilos de pensamento aprendidos. Possibilitou um reposicionamento diante das experiências vividas e das expectativas de vida e constituiu-se como o diferencial na evolução da visão de homem e na qualificação da atuação profissional atual.

**Palavras-chave:** Ontopsicologia. Psicologia feminina, visão de si, nexos ontológico. Pesquisa autobiográfica, narrativas.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the life trajectory and the family and sociocultural influences on the self-researcher's self-vision formation in light of the knowledge of Ontopsychology. The research is qualitative approach and autobiographical in nature.

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antônio Meneghetti.

<sup>2</sup> Graduada em Serviço Social, Consultora empresarial, Aluna do Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antônio Meneghetti

<sup>3</sup> Orientadora. D em Educação Científica e Tecnológica Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>4</sup> Co-orientadora. Professora da Faculdade Antônio

<sup>5</sup> Ontopsicologia: Estudos dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser. (MENEGETTI, 2012. Pg. 193)

As research data, twelve narrative units are analyzed, referring to their life trajectory, extracted from a memorial prepared by the author-researcher. Considering that the formation and development of the self-vision is influenced by family, affective and socio-cultural experiences, these, in turn, are impregnated with intentionalities manifest in the selected reports. Therefore, the formation of the self-vision of the researcher author is related to the resignification made as a person in her lifelong formation. The analysis of the author's researcher life trajectory to the present day makes it clear that the contact with the ontopsychological science made possible the resignification of the experiences, the memories, the learned styles of thought. It made possible a repositioning in the face of lived experiences and life expectancies and constituted as the differential in the evolution of man's vision and in the qualification of current professional performance.

Keywords: Ontopsychology. Female psychology, self-view, ontological nexus. Autobiographical research, narratives

## SUMÁRIO

1 Introdução .....	06
2 Fundamentação Teórica .....	08
3 Metodologia .....	12
4 Apresentação das narrativas .....	14
Narrativa 01: Apresento-me .....	14
Narrativa 02: O contexto familiar .....	15
Narrativa 03: A infância .....	16
Narrativa 04: A educação escolar .....	17
Narrativa 05: O incentivo ao estudo e as mudanças .....	18
Narrativa 06: A continuidade dos estudos e do modelo familiar .....	18
Narrativa 07: A continuidade dos estudos II e a volta para casa .....	19
Narrativa 08: As primeiras experiência profissionais .....	19
Narrativa 09: A formação do ensino superior .....	21
Narrativa 10: O trabalho como Assistente Social .....	22
Narrativa 11: Primeiros contatos com a Ontopsicologia .....	24
Narrativa 12: Situação Atual .....	24
5 Considerações Finais .....	25
6 Referências .....	28

## 1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre suas escolhas ao longo da vida, a mulher é levada a perceber-se como responsável pelas consequências que delas decorrem, ao mesmo tempo em que se reconhece única no seu jeito de ser, pensar e agir. A mulher protagonista de sua história entende que a realização pessoal e profissional resulta de um processo de escolhas e decisões, sendo necessário, portanto, analisar-se para conhecer-se, entender qual a visão que desenvolveu sobre si mesma, buscar a compreensão de sua própria existência e atuar na sociedade conforme seu potencial e vocação.

A Organização da Nações Unidas (2015) reforça a necessidade de garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de decisão na vida política, econômica e pública.

Esta participação de mulheres nos âmbitos intelectual, econômico, político e social, ainda é minoritária. Nas observações a respeito dos motivos que determinam essa condição, Barbieri e Andreola (2012) questionam se a mentalidade cultural das diversas nações ou os conflitos interiores não elaborados adequadamente pela própria mulher seriam consequências de determinantes históricos.

Referindo-se à participação ativa da mulher na sociedade, Josso (2004) explica ser necessário investir na busca da felicidade, na busca de si mesmo e de um sentido para viver. Meneghetti (2013a, p. 42) “Qualquer psicologia feminina – para além das frustrações sociais, do homem, da família – tem a própria raiz da tipologia aprendida pela simbiose diádica<sup>6</sup> com a mãe”, e explica que quem transfere o modelo de comportamento social é o adulto mãe<sup>7</sup>. Em outra passagem, o autor afirma que “a mulher pode gerir com superioridade a relação com qualquer homem, mas lhe é quase impossível superar a mãe que cada uma carrega dentro de si” (MENEGETTI, 2013a, p.40). Nesse sentido é a própria mulher que deve solitariamente aprender a como ser sua, ser para si mesma.

---

<sup>6</sup> Simbiose diádica: Relação diádica primitiva necessária para todos os seres humanos. Cada ser humano aprende os seus modos lógicos e emotivos dentro da primeira relação diádica. (MENEGETTI, 2010, p.235).

<sup>7</sup>Adulto mãe: Por adulto-mãe entende-se três funções: a) o genitor de maior referência na expressão da necessidade da criança; b) a dinâmica inconsciente que informa a modalidade de referência à criança por parte do genitor adulto; c) a tipologia do conjunto circunstante. (MENEGETTI, 2014, P.119)

Além disso, considera-se que o contexto familiar e a trajetória escolar vivenciada nas primeiras fases da vida são fundamentais na construção da identidade da pessoa, tendo em vista que é nessa fase que valores e crenças são construídos de maneira significativa. Entretanto, sempre há um componente de ordem pessoal que se torna determinante na formação do eu, na formação da visão de si mesmo e na tomada de decisões frente aos desafios que a vida oferece. Nesse sentido, a pergunta que se procura responder neste estudo é: **Quais aspectos de origem familiar e socioculturais podem ser identificados na formação da visão de si a partir de narrativas da autora-pesquisadora?**

Para responder ao problema de pesquisa levantado, propõe-se como objetivo geral: analisar a trajetória de vida e as influências familiares e socioculturais na formação da visão de si da autora-pesquisadora à luz dos conhecimentos da Ontopsicologia. De modo específico objetiva-se: contextualizar a temática no cenário de formação e do agir da mulher enquanto filha, estudante e profissional; identificar os principais aspectos que potencializam o crescimento e a realização da mulher; rememorar as principais passagens a partir dos primeiros contatos com a Ontopsicologia que marcaram a vida da autora-pesquisadora.

A relevância do estudo diz respeito principalmente às contribuições do conhecimento ontopsicológico para a evolução da compreensão da visão de homem pela autora pesquisadora e da sua trajetória de vida. Assim, as narrativas que serão analisadas no decurso do estudo buscam ilustrar como as adversidades familiares e os limites socioculturais constituíram-se em momentos de crescimento e não de frustração

O estudo também permite mostrar como as diversas dinâmicas agem em diferentes passagens da vida da autora pesquisadora. Isso evidencia a necessidade de retomar o nexu ontológico<sup>8</sup> como critério que permite alcançar a objetividade do pensamento e das ações. Portanto, esta análise da trajetória de vida da autora pesquisadora também pode servir de inspiração para outras pessoas, principalmente jovens e mulheres que se encontram motivadas a atingir níveis mais elevados de compreensão do universo feminino, pessoal e profissional.

---

<sup>8</sup> Nexu ontológico: É a passagem em que o pensamento coincide com o mundo da vida. É o evento, momento que dá o ponto lógico entre diversas coisas ou dinâmicas. (MENEGETTI, 2010, p.503).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitos autores já buscaram explicar a compreensão do Eu e de si mesmo, como indivíduo e como pessoa, e, para tanto, muitos se serviram dos conhecimentos da psicologia, em diversas correntes dessa ciência que estuda o ser humano. Nesse sentido, abordam-se, de modo breve, algumas correntes de pensamento que são a Psicanálise, o Comportamentalismo, o Humanismo, o Construtivismo além da Ontopsicologia.

Na visão da psicanálise, o conceito e formação da visão de Eu, tem o sentido de Ego, como estrutura mental, sendo ela uma experiência subjetiva individual de si mesmo (GUANAES; JAPUR, 2003). A construção dessa visão própria de si, está intimamente relacionada com as características universais e estáveis no tempo em contrapartida às experiências pessoais de cada individuação, porém sempre determinadas pelo inconsciente do sujeito. Ou seja, o pressuposto base para essa teoria parte de uma dualidade entre subjetividade e o mundo externo, o que pressupõe uma constante oposição entre o mundo externo e interno do sujeito, partindo deste último.

Essa constante dualidade, vai se repetindo ao longo da vida do sujeito, mesmo nas relações mais íntimas de si, há sempre a percepção de acordo com o externo em que se vive. (GUANAES; JAPUR, 2003). Existem, desse modo, fronteiras claras e evidentes e o indivíduo, para formar-se e reconhecer-se como pessoa, é fruto pontual dessa relação, porém a prioridade é sempre interna, ou seja, do inconsciente.

Outra corrente da psicologia contemporânea, o behaviorismo (ou comportamentalismo), cujo enfoque é sempre em relação ao comportamento do sujeito, não dá a devida atenção ao aspecto interno do sujeito. Essa corrente não se baseia nas questões internas para a formação da visão de si, tendo em vista que é metodologicamente inviável colhe-las. (CORREIA, 2003). Trata-se de uma reviravolta em relação ao conceito de Eu, pois, apesar de entender que existe uma dualidade entre os aspectos internos, preconiza que a partir dos comportamentos é que o indivíduo se constrói e conseqüentemente, se vê. Nesse sentido, “foi a primeira revolução cognitiva que fez migrar a atenção dos comportamentos para os processos mentais subjacentes ao que as pessoas dizem e fazem” (HERMAN, 2007). Destarte,



a visão do sujeito sobre si nasce do mundo e depois se insere na pessoa, tendo como via de passagem, os comportamentos.

Posteriormente com o surgimento da corrente da Psicologia Humanista, como uma reação ao enfoque ao externo, na influência que o ambiente faz ao sujeito, e também em contraposição ao determinismo exagerado do inconsciente da psicanálise, há um outro enfoque. Carl Rogers, psicólogo humanista, foi um dos responsáveis por trazer o conceito de *self*, que significa “si mesmo”, como fator determinante para a formação da personalidade e conseqüentemente para o autoconhecimento do sujeito. (GUANAES; JAPUR, 2003).

Um conceito de *self*, é o que enfatiza aspectos de caráter único e específico, e que busca padrões estáveis no tempo. Contudo, Rogers também salientou a qualidade do *self* enquanto produto social, que se desenvolve nas relações interpessoais. (GUANAES; JAPUR, 2003). Assim, são consideradas duas vias para o desenvolvimento do *self*, sentido interior-exterior e sentido exterior-interior.

Gordon Allport, também psicólogo, traz análises sobre os constructos de autoestima, autoconceito, autoconsideração e manutenção de uma visão favorável de si (*self-enhancement*). Assim, há uma busca por características universais e estáveis no tempo, e a centralidade do *self*. Nesse sentido a visão de si é construída a partir de como a pessoa verifica esses critérios em si mesma. Nas suas vivências como pessoa, através das suas relações de todas as ordens, seja familiar, afetiva, de trabalho, etc., o sujeito forma uma concepção de si mesma e o seu papel no mundo.

Além disso, existem teorias que surgem na pós-modernidade que buscam explicar essa construção da visão de si mesmo. O construtivismo é uma dessas correntes, e um de seus expoentes, Thatchenkery, evidencia que o *self* é relacional, ou seja, a visão de si parte a partir de um discurso constituído a partir das linguagens disponíveis da esfera externa. Assim sendo, há um enfoque no que é constituído a partir do que é compartilhado e não na especificidade da singularidade do *self* (HERMAN, 2007).

Isso significa que a visão de si se faz através dos modos culturais compartilhados entre os indivíduos, ou seja, as narrativas disponíveis ao sujeito através da sua cultura são absorvidas e sofisticadas pelo sujeito, para que aos poucos

forme uma visão própria de si com base no cenário em que viveu ao longo da vida (HERMAN, 2007), há um diálogo entre o sujeito e o ambiente externo. Assim sendo, verifica-se que há a proposta do *self* (visão de si mesmo), como discurso. Por muitos anos, essa corrente tem recebido críticas por sugerir um *self* esvaziado e sem conteúdo, onde não há espaço para a experiência individual (GUANAES; JAPUR, 2003).

Após a análise das correntes supramencionadas, a Ontopsicologia traz uma novidade em relação ao estudo do homem e, conseqüentemente no que se refere à visão de si mesmo, pois através das suas três descobertas<sup>9</sup>, considera os aspectos externos e internos, porém com uma abordagem diferente dos aspectos psicológicos do ser humano. Essa ciência não descarta os fatores supramencionados, mas os complementa, trazendo uma visão a partir do real do homem em si.

Em Ontopsicologia utiliza-se o termo Eu lógico-histórico<sup>10</sup> para nominar o eu agente, ou seja, o eu consciente do indivíduo, que faz as suas escolhas ao longo da vida e que possibilita os seus diversos modos de ação (MENEGETTI, 2003). O Eu lógico-histórico se serve da consciência para poder obter o substrato necessário para se compreender e posteriormente agir no mundo. Porém, é importante salientar que a ciência ontopsicológica não descarta o inconsciente, que possui um papel determinante na estrutura da personalidade do humano. Nesse sentido Meneghetti afirma:

O Eu não deve ser entendido como a forma consciente, porque na zona do Eu existem também os mecanismos de defesa, vastas zonas do pré-consciente, do inconsciente, etc. Trata-se de um sistema em que o momento mais transparente se denomina também consciência, que exprime sempre um passado do Eu. (MENEGETTI, 2003, p. 12).

Deste modo, para a compreensão da visão de si, se faz necessário analisar como se forma o Eu ao longo da existência, na medida em que, a partir da maneira que é construído, consente a possibilidade de perceber-se de um modo ou de outro. Existem três instâncias para a formação do Eu: “a) o tecido orgânico; b) o imediatismo

---

<sup>9</sup> As três descobertas da ontopsicologia são: Campo Semântico, Em Si ôntico e Monitor de deflexão. (MENEGETTI, 2012).

<sup>10</sup> Eu lógico-histórico: A parte lógica e consciente de todas as operações voluntárias, responsáveis, reflexivas, inteligentes, racionais, mnemônicas, etc. Estrutura mediatrix entre o real introverso e o real extroverso e vice-versa. (MENEGETTI, 2012, p. 108)

de interação corpo-ambiente; c) a incidência diretiva e organizada do social” (MENEGETTI, 2003, p.13).

O tecido orgânico é o corpo, ou seja, a primeira fenomenologia do sujeito no mundo, que consente realizar as suas ações e *conditio sine qua non* para a sua existência. Meneghetti, afirma que “individua-se um objeto que se faz veículo e estrutura o real segundo uma lei, em seu modo, uma sua informação. No momento em que a vida se dá distinta, contrapõe-se por meio das individuações” (MENEGETTI, 2003, p. 13). Logo, o primeiro elemento para a formação da visão de si através do Eu é o modo de constituição do corpo.

O imediatismo de interação corpo-ambiente é a relação que o indivíduo como corpo tem com tudo aquilo que é diverso de si, o local onde nasce e cresce. “O organismo coloca-se em relação ao ambiente e, por sua vez, o ambiente é interagente. No momento em que interage, ele diferencia o organismo” (MENEGETTI, 2003, p. 14). As múltiplas informações que impactam esse Eu o tornam uma singularidade única em relação ao todo, com características próprias que agem como construtores de si mesmo.

Por derradeiro, a última instância de formação do Eu é a incidência diretiva e organizada do social. O ser humano por ser dotado de uma socialidade inata, em razão das suas características físicas e imateriais, está adstrito, quando posto na existência, a um determinado corpo social, e esse social, influi diretamente na formação da sua personalidade. “O Eu sofre a vetorialidade, a constrição segundo o tipo de organização mental que já preexiste naquela determinada família onde a criança nasce” (MENEGETTI, 2003, p. 15). A partir das suas primeiras relações, já na família, o indivíduo já sofre a incidência direta do modo de ação daquele modo de vida, determinando assim, o seu modo de ação na existência.

Assim sendo, o ambiente familiar, sociocultural, e afetivo, influem diretamente na constituição do Eu, e do quanto reflete-se por si, pois “o conjunto energético do organismo, que se está plasmando em crescimento em um ambiente físico, é continuamente estimulado segundo interesses de um ambiente especializado, adulto como é a sociedade.” (MENEGETTI, 2003, p. 15). Desta feita, a constituição do Eu

e conseqüentemente, a visão que o sujeito tem de si, dependem de todos esses elementos, dos aspectos particulares ao infinito mundo das relações e memórias.

A ciência ontopsicológica tem por escopo verificar o Eu, e se este é funcional ou não ao sujeito com base no seu projeto de natureza<sup>11</sup>, todavia, não entraremos na específica metodologia do “como” realizar esse processo, tendo em vista o escopo do presente trabalho. Porém, com o conhecimento da essência humana, proporcionado pela Ontopsicologia e o seu respectivo método, é possível chegar a um Eu mais funcional e que consente a realização individual, nesse sentido, “cada passagem faz nascimento, determinando um modo de ser. Conseqüentemente, à luz do eterno, a vida do ser humano é de uma responsabilidade infinita.” (MENEGETTI, 2003, p. 81). Assim sendo, é responsabilidade de cada indivíduo construir o seu próprio Eu em relação ao seu projeto de natureza.<sup>12</sup>

### 3 METODOLOGIA

O estudo é de abordagem qualitativa e de natureza narrativa autobiográfica na perspectiva de Josso (2004). O *corpus* da pesquisa é composto por doze unidades narrativas extraídas de um memorial elaborado pela autora-pesquisadora durante o curso de Bacharelado em Ontopsicologia<sup>13</sup>.

A pesquisa narrativa é uma forma de entender a experiência pessoal e social (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Esses autores explicam que a vida é preenchida

---

<sup>11</sup> Em Si ôntico: Em Si ôntico: Centralidade do ser. Princípio ôntico existencial no homem. Projeto-base da natureza que constitui o ser humano. Princípio formal e inteligente que faz autóctise histórica. (MENEGETTI, 2012.p.84)

<sup>12</sup> Visão da Ontopsicologia: “O homem protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser.” (MENEGETTI, 2010, p. 130)

<sup>13</sup> Bacharelado em Ontopsicologia: Forma o técnico capaz de verificação do nexu ontológico, pessoa dotada de racionalidade capaz de obter reversibilidade entre conhecimento da causa e diretividade sobre o resultado, sendo uma formação sólida para atuar de modo prático com maior eficiência em sua ação profissional e social. É uma formação teórico-prática que coloca a inteligência do aluno em conexão com as causas das situações, da vida e dos efeitos que operam dentro do homem, da natureza e da sociedade. É uma formação que prepara o aluno para ser solução, primeiro como pessoa responsável pela sua vida, e, posteriormente, inteligência resolutória em outras áreas de atuação. O curso é oferecido pela Antônio Meneghetti Faculdade, aprovado pela Portaria nº 563/2014-MEC.

por fragmentos narrativos vividos em momentos históricos de tempo e espaço, entendidos em termos de unidades narrativas e de descontinuidades.

Lima, Geraldi e Geraldi (2015) explicam que as narrativas autobiográficas visam à reconstituição da história de uma pessoa em que o pesquisador é o próprio objeto de estudo. “Fazem uma escrita de si, e sobre si, no processo de formação”. (p.4). Os autores também explicam que as narrativas autobiográficas se assemelham com a história oral em que se coloca em destaque a pessoa, autora das narrativas analisadas. Além disso propiciam a compreensão das relações de aprendizagem, das identidades profissionais, dos ciclos de vida, entre outras.

Clandinin e Connelly, (2011), consideram central na pesquisa e no pensamento narrativo as dimensões de: a) *temporalidade* - localizar as coisas no tempo é a forma de pensar sobre elas; b) *peçoas* - em qualquer tempo, as pessoas, estão em processo de mudança e é importante poder narrar uma pessoa em termos de processo; c) *ação* – a ação é vista como um símbolo narrativo e centra-se na forma como é compreendida e interpretada; d) *certeza* - as interpretações dos eventos podem ter sempre um senso provisório, geralmente expresso como um tipo de incerteza, sobre o significado de um evento, portanto é necessário considerar que há outras possibilidades de interpretação e outros modos de explicar as coisas; e) *Contexto* - o contexto é necessário para dar sentido a qualquer pessoa, evento ou coisa e inclui noções temporal, espacial e relação com outras pessoas.

As narrativas são apresentadas em primeira pessoa do singular porque representam a voz da autora-pesquisadora. Para a análise das narrativas utilizam-se conhecimentos da Ontopsicologia, como teoria de referência. Destacam-se as obras de Meneghetti e de autores que escrevem a respeito da ciência ontopsicológica.

#### **4 APRESENTAÇÃO DAS NARRATIVAS**

As narrativas descritas a seguir permitem compreender aspectos importantes que influenciaram a formação da visão de si da autora-pesquisadora. Identifica-se que a trajetória pessoal e profissional toma uma nova direção quando se apropria do conhecimento ontopsicológico, principalmente da visão de homem da ontopsicologia.

##### **Narrativa 1 – Apresento-me**

*Sou filha de uma família de pequenos agricultores que residiam no interior da Colônia São Manoel, pertencente ao 7º distrito do município de Pelotas, Rio Grande do Sul. Sou a primeira filha mulher depois de dois homens em uma família com 7 filhos. Hoje, aos 63 anos, profissional do ramo de treinamentos e consultoria empresarial em desenvolvimento de equipes e formação de lideranças intermediárias.*

Meneghetti (2014) faz um estudo sobre a psicologia da genitura em que por genitura entende-se a ordem de nascimento dos filhos e refere-se sempre à ordem cronológica do nascimento biológico. A autora pesquisadora, mesmo sendo o terceiro nascimento na família, é a primogênita mulher porque a genitura procede segundo a identidade do sexo. (MENEGETTI, 2014, p.135) Como primogênita, e mulher, era natural assumir a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores e dos trabalhos domésticos desenvolvendo uma psicologia de primogênita. Essa posição familiar também pode influenciar a aprendizagem de modelos específicos de comportamento. O primogênito psicológico espontaneamente é levado a proteger os outros. Ele tem a tendência a comandar porque imagina ser o responsável pelos outros, imagina ser o pai na família, portanto tem uma tendência ingênua, bondosa, protetora, generosa, e quase sempre será um conquistador. Esta forma de ver-se como responsável pelos outros levou a autora a escolher o Serviço Social como área de atuação e tendia a agir de forma cuidadora, protetora, com disponibilidade de servir reproduzindo o modelo aprendido na infância. Na década de 80 a visão do Serviço Social creditava aos homens a “culpa” pelas situações que vivenciavam, e acreditava que uma prática doutrinária, fundamentada nos princípios cristãos, era a chave para a “recuperação da sociedade”.

## **Narrativa 2 – O contexto familiar**

*O ambiente familiar era caracterizado por hostilidade. Não havia manifestação de carinho entre os pais. Não lembro de ter presenciado um diálogo entre eles. Também não havia manifestação de carinho dos pais para com os filhos. Sempre convivi com expressões da mãe em relação aos filhos que os desqualificava como crianças. O pai frequentemente utilizava xingões que faziam com que eu me sentisse um estorvo. A situação da família era de extrema pobreza, com carências de alimentação, higiene, saúde, cultura, e educação.*

O contexto familiar não favoreceu o desenvolvimento de um modo natural de viver. Ao longo da vida são assimilados muitos estereótipos<sup>14</sup>, são formados os complexos<sup>15</sup> que levam ao distanciamento do projeto original de cada indivíduo. Meneghetti (2012) diz que nos primeiros anos de vida a criança assimila os modos mentais e comportamentais do contexto e tende a ser sempre daquele modo a menos que consiga reconfigurar-se e retomar o seu projeto de natureza tornando-se líder autêntico da sua história existencial. Meneghetti (2006b, p.24) afirma ainda que a natureza, ao ter produzido as suas individuações, em cada uma colocou uma estrada para chegar ao todo e que é preciso respeitar as aparentes limitações porque os limites são em função do crescimento e não são frustrantes, não impedem de chegar onde a vida intencionou. A autorapesquisadora, neste contexto familiar, desenvolveu baixa auto estima, dificuldades de socialização, um complexo de inferioridade e uma condição de apenas sobrevivente considerando o nível de hostilidade do ambiente familiar. No entanto, era sentida uma força interna que impulsionava a sair daquele lugar, a sair daquela situação, ainda que, na época, fosse entendida somente como necessidade de sobrevivência. Esse fato favoreceu a saída de casa para continuar os estudos o que ocorreu aos 11 anos de idade. A autora sempre teve a certeza de que queria continuar os estudos e o fato de sair de casa ainda criança nunca pesou, tinha um projeto de estudos diferente das crianças do lugar, o qual não era entendido, apenas sentido. Sentia algo que impulsionava a sair do lugar, queria o novo, queria o desconhecido, não havia medo, havia a certeza da escolha. Hoje existe o entendimento e a certeza do chamado do Em Si ôntico.

### **Narrativa 3 – A infância**

*Nunca vi meu pai bater nos filhos mas sua figura era muito amedrontadora. Meus tios, irmãos da minha mãe, eram jovens e brincalhões, mas todas as brincadeiras eram no sentido de desqualificar-me como criança. Era inútil buscar uma aprovação. Mas, seguidamente, me afastava de todo esse contexto e ia andar sozinha no campo, no mato, nas pedras. Me sentia muito bem sozinha, parecia que me reestabelecia comigo mesma, sentia uma sensação de paz, de força e de integração com a natureza.*

---

<sup>14</sup> Estereótipo: Um comportamento típico aprovado e reconhecido, mas indemonstrado. Um comportamento caracterial aprendido do externo. (MENEGETTI, 2012.p.99)

<sup>15</sup> Complexo: Fixação somatopsíquica de energia, autônoma do Eu consciente e agente em antecipação à atividade lógica deste. Qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do Eu. (MENEGETTI, 2012.p.50)

A aparente inferioridade que muitas crianças vivenciam em ambientes hostis, impulsiona os mais sadios a desenvolverem uma necessidade de compensação acretiva que é reação com reforço na direção de um efeito maior (MENEGETTI, 2013b). Observa-se este empenho da autora ao aceitar o afastamento daquele contexto para estudar e trabalhar com dedicação desde cedo, e por entender que estas escolhas seriam elementos fundamentais para o crescimento, liberdade e evolução na sua vida.

Por ter sido educada em um ambiente com mulheres agressivas e portanto em frustração, a autora, enquanto criança foi receptora dessa constante informação que pode ter resultado em um sentimento de inferioridade e medo do poder. Em termos práticos, isso se evidencia na vida da autora na dificuldade em tratar com pessoas consideradas superiores, autoridades, ou pessoas influentes. Também houve consequências como a dificuldade de firmar a marca empresarial e a respectiva imagem, de ser protagonista no mercado de atuação, de obter ganhos financeiros, devido ao medo de figuras superiores, já que a visão de si era inferiorizada, e o seu entendimento de que seria um estorvo, assim como percebia que era a sua presença em relação aos pais. Meneghetti (2013a) explica que quando a mulher tem medo do comando e isto é determinado em partes por três estereótipos: familiar, social e inseminação da cultura machista.

Atualmente, apesar da distância dos fatos é possível a compreensão de que havia um potencial a ser desenvolvido. Segundo Meneghetti (2015), cada pessoa vem ao mundo com um direcionamento ontológico para ser historicizado, para realizar uma trajetória determinada, uma biografia, para fazer a ação histórica que decorre de impulso ôntico. O íntimo de cada um é a dimensão ontológica vinculada à lógica da vida e com um projeto a cumprir. Este projeto não é uma história isolada, não é uma biografia desvinculada da realidade, mas agente no interior de um universo semântico. Meneghetti (2015, p. 226) define este projeto de natureza como Em Si Ôntico. Todos somos filhos da vida e postos no mundo de certa forma e com certo temperamento. Contudo, a nossa cultura, a nossa educação, os aprendizados em família podem nos distanciar deste projeto de natureza, mas quando a natureza da criança está sadia e intacta, espontaneamente, a ela contata situações que identificam e reforçam seu Em Si ôntico. A autorapesquisadora entende que os contatos com a natureza e os afastamentos nos momentos de hostilidade possibilitaram o reforço do seu íntimo



natural preservando a sua identidade enquanto não havia as condições para agir de forma autônoma.

#### **Narrativa 4 – A educação escolar**

*Na escola municipal que frequentei, as crianças de todas as séries estudavam em uma única sala de aula com uma única professora. Eu prestava atenção nas séries superiores e aprendia muito cedo os conteúdos. Tinha boas notas, isso era gratificante. Disputava com a única colega de classe as melhores notas. No que se referia aos estudos, sentia muita gratificação, me sentia orgulhosa de tirar o “primeiro lugar nas provas”.*

A escola era uma possibilidade de crescimento. Assim a dedicação aos estudos era uma via de saída, um ponto de alegria e de realização. Desde pequena a força de inteligência era presente, forte, e possibilitou o desenvolvimento de atitudes e modelos mentais de ação vencedora.

#### **Narrativa 5 – O incentivo ao estudo e às mudanças**

*Meu pai fez o que pôde para que os filhos estudassem. Dizia que a vida na lavoura e o agricultor não tinha futuro, muito menos a mulher filha de agricultores, e que não deveríamos ficar na volta dos pais. Eu sentia aquilo tudo como algo muito ameaçador e que tinha que estudar e sair daquele contexto. Hoje sei que ele havia servido ao quartel e durante este período trabalhou na biblioteca da Escola Militar de Rezende no Rio de Janeiro onde gostaria muito de ter permanecido, mas concluído o período do quartel voltou para as atividades da agricultura, e era frustrado por isso.*

Essa narrativa demonstra que a autorpesquisadora apresenta a tendência de sair da frustração e inferioridade. A superação das dificuldades era natural e constante em sua vida. Ela reconhece que seu pai vive uma frustração por não ter seguido a carreira militar, por não ter estudado, e por não se sentir parte daquele lugar. Orientava os filhos para que vivessem uma outra vida diferente da sua.

O modo de vida aprendido na família traz o fantasma da existência constante de alguma ameaça eminente, e forma a visão de que não existe a possibilidade da escolha, de que a pessoa é determinada e não determinante da sua história, que não se pode fazer o que se quer. Portanto, o entendimento decorrente do ambiente familiar era de que as circunstâncias é que determinam cada escolha. Em consequência disto,

neste momento da vida, a visão da autora era de que a pessoa não é responsável pelas suas escolhas, e sim, vítima da situação.

### **Narrativa 6 – A continuidade dos estudos e do “modelo” familiar**

*Ao concluir a 5ª série primária meu pai me apresentou para uma congregação religiosa para que eu continuasse os estudos em sistema de internato. Eu gostava muito da ideia de poder estudar. Eu gostava daquela situação e queria muito estudar. Quando chegou minha vez de ir para a cidade foi muito empolgante. Era como ter uma superioridade naquele contexto rural. Eu podia me denominar “estudante”, embora trabalhasse desde os 12 anos para auxiliar a pagar os estudos. A visão que eu tinha de mim mesma, principalmente entre os 12 e 15 anos de idade, era de uma pessoa desprezível, indigna, errada, insignificante, e que iria ao inferno porque tinha muitos pecados.*

No contexto do internato, a figura da madre superiora se somou à imagem ameaçadora do pai, à imagem de um Deus julgador, severo, e ao ensinamento de que o sacrifício era uma forma de agradar a Deus. Isto implicava uma vida de sofrimento e sem alegria. Esta situação reforçou as condições de uma pessoa que se desenvolveu em temor, obediência, insegurança, e com baixa autoestima. De certa forma, era uma continuidade do mesmo modelo familiar.

Nesse contexto, havia um ponto de reforço da identidade que era a gratificação por estar estudando, era um poder, um *status* de estudante que ativava uma força no íntimo de si mesma. Esses momentos ampliavam esta força que não era entendida, mas era um conforto interior e ao mesmo tempo uma expectativa de algo melhor. Nesta fase segundo Meneghetti (2014, p.61), a criança começa a aperceber-se da relatividade do grupo familiar; sai da consciência absolutista da família, começa a dar-se conta que ela é parte de uma parte maior: a sociedade. Para a autora pesquisadora, era um período de afirmação de si, de crescimento através da possibilidade de continuar os estudos. Não havia o questionamento se era bom ou justo, era uma grande e única passagem que se abria para o saber como poder social.

*Lembro que no exame de admissão minha nota foi a mais alta e a madre superiora nem citou meu caso. Ela vangloriava um aluno de família rica que tinha tido nota alta mas que era inferior à minha. Achei ridícula a atitude da freira, e dentro de mim eu ria sozinha. Nunca esqueci deste fato.*

Este fragmento demonstra que a autora tinha já a convicção interna que o líder não precisa da aprovação externa. Deve saber dentro de si se a ação foi bem feita.

### **Narrativa 7 – A continuidade dos estudos II e a volta para casa**

*Aos 16 anos, a congregação religiosa levou-me para uma cidade maior para continuar os estudos também no sistema de internato, mas já com status de postulante. Diziam que eu tinha vocação para ser freira e que seria “postulante”. Tudo isso era o caminho para chegar ao noviciado e depois ser freira. Nunca senti reverberar dentro de mim esta história de vocação, mas se era assim que diziam, então eu aceitava porque achava que a vida era assim mesmo, e era preferível tornar-se freira do que parar de estudar e voltar para a colônia agrícola.*

A autora sabia intuitivamente que não queria aquele caminho que era apresentado como única opção de vida. Estava com 17 anos, não se sentia feliz e não identificava um caminho para ser seguido. Vivia um período de muita confusão não havia certeza de nada. A presença de uma força interna a moveu para buscar algo novo. Sabia que pelo trabalho iria garantir o seu sustento e deu um passo nesta direção sem ter a mínima ideia de como seria a sequência dos fatos. Nesta fase segundo Meneghetti (2013b) inicia-se o período da plenitude, da abundância e da maturidade da vida. esse período se configura dos 14 anos aos 24 anos sendo considerado o mais rico da vida onde o jovem aprende, compreende e produz qualquer coisa. Possui inteligência e força de vontade em realizar novidades, metabolizar aprendizagens de enriquecimento. Porém também é um período em que o jovem pode perder sua grande possibilidade por causa do idealismo crítico. Substancialmente com o idealismo crítico “o jovem evita a tarefa e o sacrifício de construir a si mesmo, observando os erros dos outros” (MENEGETTI, 2013b, p.58). O que se observa da autora é que evitou a contradição aos adultos e ao sistema social, aceitando silenciosamente a tarefa de autoconstruir-se. Evitou o deslocamento, por meio da racionalidade crítica em relação aos defeitos alheios, possibilitando o próprio empenho de crescimento evolutivo (MENEGETTI, 2013b).

### **Narrativa 8 – As primeiras experiências profissionais**

*Aos 17 anos, com a influência de uma colega, decidi abandonar o internato. Tinha medo da reação do pai ao me ver chegar em casa. Eu disse que queria estudar e trabalhar e me surpreendi quando ele me disse: “então amanhã vou arrumar um curso de datilografia e tu vais ficar na casa de uma tia”. Naquela época, o curso de datilografia era a passagem necessária para trabalhar em escritório. Na sequência, trabalhei como auxiliar administrativo e como secretária. Me sustentava totalmente aos 18 anos de idade trabalhando durante o dia e estudando à noite.*

O diálogo com as colegas, especialmente com uma que tinha uma irmã que era freira e que era conhecedora das contradições ao interno daquela congregação religiosa, era um reforço à vontade de ir embora. O exemplo de um irmão que havia saído do Seminário. e estava trabalhando, possibilitou ver, no trabalho, uma forma de saída daquele contexto sem comprometer a continuidade dos estudos. Assim, os diálogos válidos e os exemplos de pessoas que funcionam para si foram aspectos que favoreceram a passagem para o mundo do trabalho e à visão de que era possível posicionar-se e escolher o próprio caminho.

De acordo com os ensinamentos da Ontopsicologia, as regras para a mulher não errar são sete. A autora entendeu desde cedo três destas regras: “Tudo depende de mim”, “Devo fazer tudo sozinha” e “Não transferir aos outros o meu problema”.(MENEGETTI, 2015, p.325). Neste sentido a autora foi coerente consigo mesma e realizou o que era possível na época em termos de trabalho e estudo que eram as tarefas elementares para que a sua vontade de vencer pudesse ser concretizada. Este fato contribuiu muito para a recuperação da autoestima por ser uma nova fase da vida com mais autonomia e responsabilidade pelas escolhas. Como não haviam pessoas para dar orientações era necessário agir e decidir por si. Isto contribuiu também para que a autorapesquisadora pudesse ver-se como uma pessoa capaz de vencer por si tomando a si mesma a tarefa de construir-se.

## **Narrativa 9 – A formação do Ensino Superior**

*Querida cursar Psicologia, mas o curso era diurno e, como tinha que trabalhar, não era possível. O curso de Serviço Social era noturno, o que possibilitou conciliar com o trabalho. O estágio foi feito em finais de semana. Fiz o curso estudando minimamente para passar. Nenhuma disciplina chamou a minha atenção, mas acreditava “arranjar um emprego melhor” assim que me formasse. A Faculdade era particular, mas eu havia conseguido o crédito educativo que na época tinha a modalidade anuidade para pagar Faculdade e a modalidade manutenção que correspondia a um salário mínimo para*

*manutenção do aluno. Somando o crédito educativo e o salário era possível sobreviver. O pavor era o desemprego, então o trabalho com afinco era uma possibilidade de minimizar esta ameaça. Durante a Faculdade não participei da vida estudantil, das festas, dos eventos. Optei por participar do coral da universidade e isto me trazia muita gratificação.*

O histórico de vida da autora, as experiências vividas e o contexto familiar, social e educacional vividos até o momento do ingresso na vida universitária condicionaram a visão de si e condicionaram a vida profissional sem grandes expectativas para além da sobrevivência com um pouco mais de tranquilidade. A escolha pelo trabalho em primeiro lugar, pelo estudo e pelo canto coral foi intuitiva. A autora acreditava que desta forma estava cuidando melhor de sua vida. Todo o tempo era dedicado a estes três aspectos nos quais tinha sucesso e possibilitavam gradativamente um sentimento e uma visão vencedora.

## **Narrativa 10 – O trabalho como Assistente Social**

*Concluí a Faculdade mas não foi uma grande alegria ter concluído o curso. Era algo normal, sem nenhuma emoção. Um ano após o término do curso, passei a trabalhar como Assistente Social, em uma instituição de âmbito nacional, em Passo Fundo. Exerci esta função por aproximadamente 18 anos. Continuava o medo e a dificuldade de aproximação com pessoas que representavam autoridade bem como o medo do desemprego.*

A conquista do primeiro emprego como Assistente Social, as ações e os investimentos da empresa empregadora na formação e em treinamentos e desenvolvimento dos técnicos de nível superior tiveram uma importância muito grande na vida da autora. Como empregada, não conseguia entender a empresa como opressora conforme entendimentos estudados durante a vida universitária. Este fato fica ainda mais evidente na seguinte narrativa:

*A primeira empresa que fui visitar junto com o gerente para divulgar os serviços da empresa marcou para sempre a minha visão do empresário. Era uma época de encerramento dos negócios do ano e o empresário da construção civil disse: “Este ano eu não ganhei dinheiro, mas o que me deixa feliz é que eu movimente bastante e não precisei demitir nenhum funcionário”. Seguindo a conversa ele explicou que havia pago muitos impostos, cumprido todos os contratos com os fornecedores e não havia atrasado os salários.*

Este fato, fez com que ocorresse o entendimento da importância do papel do empresário no desenvolvimento da sociedade, ao contrário da visão adquirida durante a faculdade. No entanto, a visão do homem trabalhador como um “incapaz” se reforçava pelos projetos assistenciais direcionados aos trabalhadores da indústria e também aos familiares, como criação de animais domésticos, cultivo de hortas caseiras, doações de auxílios para alimentação, medicamentos e outros, palestras de relações humanas, prevenção de acidentes de trabalho prevenção do alcoolismo e tantos outros temas pertinentes ao Serviço Social daquela época.

*Depois interessei-me por atividades de treinamentos na área de Gestão pela Qualidade Total e acrescentei ao meu trabalho o papel de instrutora dos cursos do Sistema de Gestão pela Qualidade Total e 5"S". Passei a realizar estes cursos para empresas e outras organizações e iniciei um trabalho de consultoria à pequenas empresas na implantação do Programa de Qualidade Total, desenvolvimento de equipes, desenvolvimento de lideranças e outros serviços. Me tornei examinadora do Prêmio Qualidade-RS do PGQP-Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade.*

As atividades relacionadas à Filosofia da Qualidade Total contribuíram para que a autorapesquisadora desenvolvesse o entendimento de que o ser humano é capaz de fazer tudo perfeito, de que todos são responsáveis pela qualidade dos processos de trabalho, pela gestão dos processos, dos ambientes e pela qualidade de vida. Nesta época e inicia-se um entendimento de que é possível chegar à perfeição, à qualidade total.

## **Narrativa 11 – Primeiros contatos com a Ontopsicologia**

*Apesar de ter um bom emprego sentia um vazio existencial. O sonho de um emprego melhor, agora concretizado, não era mais suficiente para ter um bem estar, uma paz inteiror e uma realização pessoal. Iniciei buscas para acalmar o meu íntimo e, em 1997, tive o primeiro contato com a Ontopsicologia. Pouco a pouco foi aumentando o interesse pelo estudo desta ciência e buscando a compreensão do método ontopsicológico para melhoria dos resultados de vida.*

Na análise realizada sobre a trajetória de vida, a autora-pesquisadora ressalta que no momento em que entendeu e apropriou-se da visão de homem da ciência ontopsicológica “O homem protagonista responsável baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser”. (MENEGETTI, 2010, p.26), encontrou um sentido

para sua existência. Este conhecimento favoreceu uma significativa mudança em sua vida pessoal e profissional. Iniciou-se um processo de novos entendimentos sobre si, sobre o seu trabalho e sobre a visão que tinha de tudo. Foram muitas crises e muitas alegrias por poder saber que existe o Em Si ôntico, um critério de verdade e que o homem pode saber-se por inteiro. Em resumo, esta nova visão de homem mudou o seu mundo e a forma de responsabilizar-se pelo seu crescimento e evolução.

A autora foi, aos poucos, entendendo que a luta pela sobrevivência deveria ser transcendida e iniciado um novo ciclo, um ciclo de evolução psicológica, de relativização de todos os estereótipos aprendidos e de remoção dos complexos. Iniciou-se uma caminhada de estudos e busca do autoconhecimento. Esses aspectos encontram respaldo teórico na seguinte citação: “Ser feliz, ser maduro, ser completo é o seu máximo dever, porque o potencial de natureza vem do seu íntimo, não é uma escolha” (SCHUCH, 2013, p. 127).

Segundo Meneghetti (2015), atualmente, o mundo está disposto a favorecer o protagonismo feminino, porém, a mulher ainda não descobriu como se faz para ser protagonista. Esclarece que é necessário atingir o conceito da natureza íntima e verdadeira da mulher para se alcançar um mundo melhor. Destaca que as grandes mulheres da história comprovaram a existência de uma mentalidade especificamente feminina por serem mulheres que perceberam a própria força e cumpriram a ação histórica correspondente a sua identidade e ao projeto de natureza, que ultrapassaram os papéis tradicionais de filha, esposa, mãe e amiga.

## **Narrativa 12 – Situação atual**

*No momento atual presto serviços de consultoria às empresas de forma autônoma. Realizo atividades relacionadas ao desenvolvimento de equipes e de lideranças intermediárias no âmbito empresarial. O nome fantasia da minha empresa é “Vida Empresarial” porque é uma intenção de gerar vida, de intensificar a força do humano nos ambientes de trabalho e de ser uma contribuição para o universo. estudos em Ontopsicologia, o i da psicoterapia ontopsicológica foi difícil porque eu não entendia o real significado de “o homem protagonista e responsável”. Eu entendia responsável como culpado, e aquele “responsável” soava como uma condenação. Depois, observando o comportamento das pessoas mais inteligentes e mais evoluídas, e como encaram os fatos e a vida, compreendi que a vida não era como eu percebia. Hoje sou muito grata à vida porque através dos “acazos da vida” seguidamente fui colocada junto às melhores pessoas e situações de crescimento.*

A narrativa 12 encontra respaldo teórico nos textos de Ontopsicologia nos quais constam que a mulher deve relativizar todas as disposições do passado e assumir o seu protagonismo. Para isto é necessário um profundo conhecimento de si mesma e afirma que a mulher tem medo do comando e isto é determinado em partes por três estereótipos: familiar, social e inseminação da cultura machista (MENEGETTI, 2013).

Esses dados são reforçados por Schuch (2013) quando afirma que a mulher verdadeira, livre, realizada e feliz é possível por meio do estudo sério da ciência ontopsicológica. Se a mulher quer ser líder, quer existir como pessoa, deve agir e, para isto existem regras bem precisas. Isso também está de acordo com o que diz Meneghetti (2002), a vida é uma possibilidade para ser grande. Se alguém não consegue, de qualquer forma a vida permanece perfeita e a possibilidade é perfeita para todos. Deve-se usar a exatidão lógica em referência ao critério: impulso de vontade à visão dessa lógica exata e centrípeta ao Em Si ôntico que é.

Meneghetti (2006,p.51) referindo-se a Em Si ôntico afirma: “Esse projeto é muito amado quem o carrega não o entende, mas quem o fez o amava e o queria com glória. [...] O sofrimento de querer realizá-lo e aperfeiçoá-lo revela a consistência de quanto ele é amado, desejado, desenhado com inteligência; foi lançado por uma mente em si única, irrepetível, que quer outros irrepetíveis vencedores”.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisar a trajetória de vida e as influências familiares e socioculturais na formação da visão de si da autora-pesquisadora a luz dos conhecimentos da Ontopsicologia, constituiu-se no objetivo geral desse estudo. A partir do estudo realizado e da análise das narrativas descritas é possível tecer as considerações apresentadas a seguir.

Com relação ao cenário de formação e do agir da mulher enquanto filha, estudante e profissional, a autora percebe que foi mudando a sua própria visão a respeito da mulher e do ser humano, na medida em que foi avançando nos estudos



de ontopsicologia, vivenciando os instrumentos de intervenção<sup>16</sup>, principalmente a consultoria de autenticação<sup>17</sup>, e aplicando o método ontopsicológico<sup>18</sup> na sua vida pessoal e na ação profissional. Entende que como mulher foi estruturada pelos modelos familiares, sociais e culturais que a estimularam a se colocar em um senso de inferioridade dificultando viver conforme a sua inteligência natural, com liberdade interna para sentir, pensar e agir. Para viver esta liberdade é necessário analisar como ocorreu a estruturação, saber como foi formada, como se é por projeto de natureza e usar a inteligência do Em Si ôntico nas ações. O Em Si ôntico se autoconduz pelas suas próprias leis e nunca pela família, pela sociedade ou pela cultura.

Na identificação dos aspectos que potencializam o crescimento e a realização da mulher, na análise da trajetória de vida e as influências familiares e socioculturais na formação da visão de si e da visão de homem, a autor-pesquisadora evidenciou que a Ontopsicologia é um estudo em que primeiro se faz, depois se entende. Evidenciou que a aplicação imediata, (fazer e entender), a metanóia<sup>19</sup>, a ação, a evolução da qualidade do trabalho e dos resultados, constituem o estudar e que fazer as descobertas sobre si mesma e agir por si e para si mesma, é o que gera conhecimento e evolução.

Entender e viver a visão de homem da ontopsicologia significa ser este homem protagonista e único responsável pelos seus resultados com possibilidade de vir a ser, caso a ação seja conforme o seu projeto natural na autoconstrução de si na história.

A análise da trajetória de vida da autorpesquisadora, até os dias atuais torna claro que o contato com a ciência ontopsicológica possibilitou a ressignificação das vivências, das memórias e dos estilos de pensamento aprendidos. Possibilitou também um reposicionamento diante das experiências vividas e das expectativas de

---

<sup>16</sup> Os instrumentos de intervenção da ontopsicologia são: Psicoterapia individual e de grupo, consultoria de autenticação, consultoria empresarial, Imagogia, cinelogia, psicotéa, melolística, melodance, hidromúsica solar, residence e ISOMaster (MENEGETTI, 2010, p.141)

<sup>17</sup> Psicoterapia de autenticação: autopô- -se em análise para verificar se a pessoa se conhece por quanto ela é" (p. 32, grifo do autor). Por esse motivo, a Ontopsicologia, entre as suas aplicações, tem também um momento psicoterapêutico. A psicoterapia é preliminar a toda forma de conhecimento, enquanto consente a recuperação do próprio sentido originário. (MENEGETTI, 2010, p.32)

<sup>18</sup> O método ontopsicológico: é bilógico, processo racional indutivo-dedutivo, com a novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão. ( MENEGETTI, 2010, p.131)

<sup>19</sup> Metanóia: Variação radical do comportamento para identifica-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. Com este termo, a Ontopsicologia entende *uma mudança do piloto Eu*: substituir o Eu formado pela doxa por aquele Eu sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico. (MENEGETTI, 2012.p.84)

vida e constituiu-se como o diferencial na evolução da visão de homem e na qualificação da atuação profissional atual.

Portanto, as contribuições do conhecimento ontopsicológico na compreensão de si e na trajetória de vida da autora-pesquisadora ilustram como as adversidades familiares e os limites socioculturais constituíram-se em momentos de crescimento e não de frustração, bem como mostram as diversas dinâmicas que foram agentes em diferentes passagens influenciando o crescimento da autora. Isso evidencia a necessidade de retomar o nexos ontológico como critério que permite alcançar a objetividade do pensamento e das ações. O estudo da Ontopsicologia possibilita encontrar o mundoda-vida e fazer o melhor para si mesmo como pessoa, como indivíduo único.

## 6 REFERENCIAS

BARBIERI, J. B. P.; ANDREOLA, M. T. Conquista da autonomia integral, em mulheres, através de projeto social e instrumento de training sociopsicológico. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, SP, v.20, n. 2, p. 491 – 508, 2012.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

CORREIA, M. F. B.. A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. **Estud. psicol.** [online]. v. 8, n.3, p.505-513, 2003 Doi: 10.1590/S1413-294X2003000300018.

GUANAES, C.; JAPUR, M. Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de *self*. **Psic.: Teor. e Pesq.** [online]. v.19, n.2, p.135-143, 2003. Doi: 10.1590/S0102-37722003000200005.

HERMAN, D. **Storytelling and the sciences of mind: Cognitive narratology, discursive psychology and narratives in face-to-face interaction**. *Narrative*. 2007, vol. 15, n. 3, pp. 306-334. doi:10.1353/nar.2007.0023

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, M. E. C. de C.; GERALDI, C. M. G. ; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n.1, p. 14 -44, jan./mar., 2015.

MENEGHETTI, A. **O Critério Ético do Humano**. Porto Alegre, RS: Ontopsicológica Editrice, 2002

MENEGHETTI, Antonio. **O Nascimento do Eu**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. Introdução à Ontopsicologia para jovens. . Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2006a v 1.

MENEGHETTI, A. em busca da alma. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2006b v 3.

MENEGHETTI, A. **O Modo Maschio**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Projeto Homem**. 3. ed. Recanto Maestro,RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a

MENEGHETTI, A. **Os Jovens e a Ética Ôntica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2013b.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsiológica** 3. ed. Recanto Maestro,RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do Homem**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. 2015. Disponível em:  
[www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com\\_content](http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content). Acesso em: 18 jul. 2018.